



O SISTEMA MILITAR DE ISRAEL

Pesquisa da Redação

CONSIDERAÇÕES GERAIS

ISRAEL, por suas características particulares, presta-se muito bem a um estudo de sistemas militares uma vez que as soluções encontradas para suas necessidades de Segurança, são salientadas em sua Expressão Militar e, conseqüentemente, em seu sistema.

A situação do país nos dá as necessidades e os condicionantes. A Expressão Militar desenvolvida nos dá as respostas.

ISRAEL é um país estreito, com 425 km de extensão e uma fronteira terrestre de 950 km, apresentando uma largura máxima de 110 km ao sul de BERSEBA. A área total, após 1967, é de 74.000 km², em contraste com os 2,2 milhões km² dos países árabes.

A maioria da população, de cerca de 3,7 milhões, está concentrada ao longo da costa do MEDITERRÂNEO; quarenta e cinco por cento dela e oitenta por cento da indústria estão reunidos em HAIFA e TEL AVIV que distavam, até 1967, 40 e 20 km, respectivamente, do ponto mais próximo da JORDÂNIA. Esta concentração próxima à fronteira, obviamente é um fator importante a considerar. Além disso, rodeado de nações que juraram sua destruição e são dezenas de vezes mais populosas, a desvantagem em recursos humanos é enorme (3,7 milhões x 125 milhões, no mínimo).

Geograficamente, pode-se dizer, ISRAEL é uma ilha judaica em um oceano árabe.

OBJETIVOS NACIONAIS

A consciência da ameaça árabe e até do mundo, a posição geográfica e política de isolamento, a falta de aliados fidedignos, tudo isso levou ISRAEL a uma percepção da realidade que se revela em seus Objetivos Nacionais. Em termos da Escola Superior de Guerra podem eles ser estabelecidos como:

- Soberania
- Integridade Territorial
- Progresso
- Integração Social.

O "Weltanschauung" de ISRAEL, se considerado como um Ator Nacional Racional, facilita uma explicitação daqueles objetivos.

A Soberania encara a continuidade do Estado israelense como a garantia da representação da Nação judaica no concerto mundial. Esta visão do mundo é mais produto, talvez, de uma consciência étnico-religiosa do que política, razão porque considera apenas a comunidade judaica como a única fonte segura de apoio externo. Os Estados Unidos da América, todavia, são vistos como mais sensíveis à permanência de ISRAEL no sistema internacional, já que as características da democracia americana facilitam a expressão das minorias étnicas e a opinião pública daquele país é fator de relevo na política nacional e internacional.

A intenção dos estados árabes, expressa sem rebuços, de eliminar ISRAEL do mapa valoriza, dentro da Soberania, as necessidades da Segurança Nacional e também o segundo objetivo, a Integridade Territorial. Significa ela, no dizer dos israelenses, a manutenção de fronteiras seguras, isto é, com exceção de JERUSALÉM, algumas perdas territoriais poderão ser aceitas. O importante é que não fique comprometida a situação estratégico-militar. A Segurança é mais relevante do que a Paz.

O Progresso é visto como desenvolvimento de uma economia duradoura que lhe garanta os recursos necessários à sobrevivência com o mínimo de dependência externa e a Integração Social se justifica em face da existência de cerca de meio milhão de habitantes que não são judeus e de que a própria população judaica apresenta muitos problemas sociais devido às diferentes origens e culturas representadas, apesar da mesma herança religiosa.

ESTRATÉGIA MILITAR

Embora não expressamente enunciada, deflui da explicitação dos Objetivos Nacionais israelenses uma atitude político-militar ofensiva como resposta a qualquer ameaça à Segurança Nacional e à procura de uma estratégia que proporcione os meios e modos de atingir os objetivos em consonância com aquela atitude. ISRAEL acredita, assim, que deve se basear predominantemente na aplicação violenta de sua própria Expressão Militar, antecipando-se a qualquer evolução maior das inúmeras

ameaças à segurança e sobrevivência do Estado. Quaisquer alianças políticas ou militares não deverão retirar-lhe a possibilidade de, ele próprio, decidir e poder aplicar as medidas julgadas necessárias.

Antes de 1967, a falta de profundidade territorial não permitia hesitações, dependência de entendimentos com aliados e, muito menos, qualquer conceito defensivo, devido à incapacidade de absorver um ataque inimigo sem sacrificar áreas vitais.

Após 1967, com o grande aumento de território sob o controle de ISRAEL, as "fronteiras seguras" amorteceram os impulsos ofensivos e o imperativo absoluto do primeiro golpe, sempre com "handicap" político, foi abrandado para a categoria de alternativa.

O grande desgaste econômico e psicossocial com a guerra de atrito no canal de Suez, o chamado "Conceito" dos serviços de informações de que os países árabes só atacariam em bloco e quando tivessem condições ótimas, e a mobilização parcial de maio de 1973 considerada como hiper-reação acresceram-se à maior confiança nas fronteiras seguras e levaram à situação angustiada do YOM KIPPUR. Os dividendos políticos esperados com o fato de passar de agressor a agredido não surgiram e, pelo contrário, a estratégia econômica árabe levou o país a um maior isolamento internacional. As Forças Armadas sofreram grandes perdas em pessoal, carros e aeronaves que poderiam ter sido menores, se mantida a concepção antiga.

O natural seria a volta à atitude da iniciativa militar a qualquer preço.

A conjuntura evoluiu bastante, no entanto.

Às grandes perdas de material de guerra somou-se o fato de que ISRAEL, para enfrentar os materiais de tecnologia avançada fornecidos aos adversários, teve de adquirir semelhantes e postergar suas aspirações de maior independência no setor. Os Estados Unidos da América, agora com maior capacidade para pressionar, forçados pela crise energética e acontecimentos do IRÃ a solucionar uma ameaça à segurança da área vital a seus suprimentos de petróleo, conseguiram dobrar os dois contendores mais sacrificados na luta, ao preço de concessões e substancial auxílio econômico.

O relaxamento da tensão com o EGITO não significa, contudo, o abandono da premissa, do restante do mundo árabe, de que ISRAEL não deve existir. O Estado israelense, em consequência, continuará a apoiar-se pesadamente na Expressão Militar e vendo seu preparo e aplicação como tarefa prioritária, que envolve toda a nação, porque é um imperativo dramático de sobrevivência. Pouco será negado às Forças Armadas e delas esperar-se-á, como sempre, resultados rápidos e decisivos.

O Estado, embora com apenas trinta anos de vida, representa uma nação que pretende aglutinar a DIÁSPORA com a volta à SION e, talvez, não aceite a falência de seu projeto acalentado há mais de um milênio. Este permear da história quase religião na estratégia pode conduzir a linhas de ação até mesmo suicidas.

O SISTEMA MILITAR

Dentro da metodologia da ESG reduziremos a Expressão Militar de ISRAEL a um modelo que aproveite, dos fundamentos, fatores, órgãos e indicadores os que caracterizam e distinguem o sistema militar israelense dos demais.

Fatores Inespecíficos

Nas considerações iniciais já foram salientados os fatores geográficos que, encarados sob a ótica do tempo disponível e do espaço necessário ao sucesso das operações militares, impõem, ainda hoje, Forças Armadas aprestadas e adequadas, agindo em questão de horas.

Do ponto de vista histórico, os judeus têm uma longa tradição militar que começou com os fatos da Bíblia, passou pelo indelével episódio de MASSADA, continuou com a milícia civil do retorno sionista e fortificou-se com as forças paramilitares subterrâneas, particularmente a HAGANAH (Defesa, em hebraico), que também desempenhou parte ativa na construção do Estado. A tradição se mantém com as guerras de 48, 56, 67 e 73 e com a permanente tensão com os países árabes.

A vontade de libertar-se da dependência estrangeira em material e armamento é facilitada pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, aliadas à grande flexibilidade e espírito prático. Os israelenses além de criarem armamentos próprios como o carro de combate MERKAVA, o avião ARAVA, os mísseis GABRIEL (SS) e SHAFRIR (AA), a sub-metralhadora UZI e o fuzil de assalto GALIL (baseado no AK-47 soviético) realizaram adaptações do material antigo que possuem. O carro de combate SHERMAN americano foi virtualmente reconstruído, com lagartas mais largas, motores "diesel" e um canhão de 105 mm, transformando-se no SUPER-SHERMAN. Com a obsolescência, estão sendo transformados em artilharia autopropulsada. Os caças MYSTÈRE (obsoletos) adaptados com turbinas americanas foram vendidos a HONDURAS. Os caças KFIR C2 oferecidos ao EQUADOR (\$4,2 milhões cada) são estrutura do MIRAGE com motores GE J79. A produção de armamentos já está voltada em 45% para o mercado externo e a exportação saltou de \$38 milhões em 1970 para \$340 milhões em 1976, o que ajudará a cobrir o déficit de vários milhões no balanço de pagamentos, ocasionado pela necessidade de manter-se em igualdade técnica com os países árabes.

O desenvolvimento científico e tecnológico possibilita, também, segundo alguns observadores, a capacidade de produzir armas nucleares. Um argumento a favor da sua utilização por ISRAEL é o chamado "complexo de MASSADA" (suicídio nacional) e o outro que, segundo o então Chefe do Serviço de Informações, Maj-Gen GAZIT, pelo menos alguns dos países árabes terão ogivas nucleares operáveis e seus sistemas de lançamento dentro de 5 anos.

As atividades estão centralizadas, ao que parece, nas instalações de DIMONA, mantidas sob o mais estreito sigilo e cujo espaço aéreo violado é a causa atribuída do ataque e destruição da aeronave de passageiros, que predisps o mundo contra ISRAEL em 1973.

Doutrina Militar

A doutrina militar influencia a Expressão Militar ao estabelecer valores, conceitos, normas, métodos e processos que permitirão a organização, preparo e condução das Forças Armadas nas operações admitidas e previstas.

Admite ela, no caso israelense, que as carências em relação aos recursos humanos e ao território exigem a atitude ofensiva, e mais, o desencadeamento de um ataque, se caracterizada a ameaça iminente de agressão árabe. Após o desencadeamento, as operações deverão ser transferidas, no mais curto prazo, para o território do oponente. Deste modo, poderá ser obtida a profundidade estratégica necessária à flexibilidade da manobra e a minimização dos danos aos campos econômicos e psicossocial.

Isto, contudo, só será possível se a decisão e a vitória forem obtidas no menor prazo possível.

É o conceito da guerra de curta duração, imaginada como "uma guerra que dura menos tempo do que levaria para que a economia do protagonista fosse dizimada pela total destruição de sua sociedade civil, devido à completa utilização de seus recursos pelas forças de defesa da nação. Durante esse período, elas imediatamente assumem a ofensiva esperando poucos reforços e não parando nem para respirar durante o assalto. A força de defesa, uma vez engajada, deve prosseguir na luta até que a vitória seja alcançada. A não consecução desse objetivo significará derrota certa e rápida pelo desgaste".

Como corolário dessas idéias, as Forças Armadas devem ser mantidas em constante e elevado treinamento e aprestamento, apesar de que as carências econômicas e de recursos humanos impõem que fiquem baseadas em um sistema de reservas, cada cidadão um soldado, capazes de serem mobilizadas no mais curto prazo.

Em decorrência, ainda, a comunidade de informações e a Força Aérea têm um papel destacado.

A necessidade de superar a quantidade pela qualidade faz com que sejam enfatizadas uma grande motivação dada aos blindados e pára-quedistas, uma iniciativa operacional e liberdade de ação bastante grande aos comandantes e a preocupação com a minimização das baixas.

A estas idéias, devem somar-se as de três destacados chefes militares: YIGAL YADIN, Chefe das Operações Militares em 1948 e do Estado-Maior de 1949 a 1951, MOSHE DAYAN e YITZHAK RABIN, bastante conhecidos no presente. YADIN estabeleceu o tríplice conceito do desbordar, ultrapassar e surpreender; DAYAN, o do "assalto pela força de vontade" para salientar a ação de liderança no combate, particularmente para oficiais; RABIN criou o "rolo compressor humano": a vitória só está completa quando o inimigo for esmagado; usar-se-á o ataque frontal com metralhadoras de mão, granadas e cargas de demolição.

A diretriz recebida pelos chefes militares pode ser sintetizada em: "Atacar sempre, inicialmente com surpresa, logo a seguir com pressão incessante, improvisando, aceitando riscos e nunca esperando pelos suprimentos".

Estrutura militar

A organização das Forças de Defesa de ISRAEL é mostrada no quadro abaixo.

O efetivo pode ser assim visto:

	<i>Carreira</i>	<i>Conscritos</i>	<i>Reserva</i>
Força Terrestre	18.000	120.000*	375.000
Força Naval	5.000	1.000	8.000
Força Aérea	19.000	2.000	25.000
Total	42.000	123.000	408.000
Nahal	5.000		
Guarda Fronteira	4.500		

* - Incluindo mulheres

A Força Aérea, como se conclui de seu efetivo da ativa, não pode à maneira da FT, basear-se em reservas. As missões que a doutrina lhe impõe exigem elevado grau de aprestamento, que ela mantém graças a seus pilotos, que são selecionados entre os melhores homens de cada convocação.

Em 5 de janeiro de 1967, com 500 aeronaves fez 3.000 sortidas e, praticamente, eliminou a Força Aérea dos países árabes; em 7 de outubro de 1973 fez vinte vezes mais sortidas que a VI Esquadra norte-americana pode realizar com aeronaves quase idênticas. Quando da destruição das bases egípcias em 1967, o treinamento, a audácia e a vontade de cumprir a missão eram tão grandes, que alguns dos caças foram atingidos pelos estilhaços de suas próprias bombas e nenhum simulacro egípcio foi bombardeado.

A Marinha é pequena, mas tem a distinção especial de ser a única nos tempos modernos a capturar um navio de guerra, em combate, pois, em 1956, após uma batalha aeronaval apoderou-se de um contra-torpedeiro egípcio ao largo de HAIFA.

Serviço Militar

O serviço militar é universal (judeus e drusos somente. Cristãos e Maometanos podem se apresentar voluntários), sendo de 36 meses para os homens, 42 meses para os oficiais e de 24 meses para as mulheres ("Chen"). Para estas ele é visto como Integrador, desenvolvendo sua autoconfiança e consciência cívica, além de contribuir para alterar a situação da mulher em algumas comunidades.

O treinamento prolonga-se até 50/54 anos para o sexo masculino e 25 para as mulheres. Compreende um dia por mês (ou três dias de três em três meses) sobre

armamento e serviço em campanha, e um mês por ano de exercícios intensivos de campanha (para os oficiais dura 5 a 6 semanas por ano).

Desta maneira, ISRAEL obtém uma reserva treinada de cerca de 90% de sua população masculina em idade militar e de cerca de 50% da população feminina, para quem há dispensas mais generosas.

Aqui é interessante salientar os programas GADNA (Brigada da Juventude) e NAHAL (Juventude de Pioneiros Combatentes) mantidos pela FDI.

A GADNA é uma organização voluntária para meninos e meninas de 14 a 18 anos de idade, que proporciona instrução nos moldes do escotismo, mas com maior ênfase no pioneirismo, agricultura e participação em projetos de serviço público. Setores especializados incluem atividades aéreas, navais e de comunicações. Embora a GADNA contribua para as FDI com a instrução preparatória paramilitar, sua maior colaboração está na assimilação de jovens de diversas origens e em incutir o espírito de pioneirismo e de serviço nacional.

A NAHAL é destinada a combinar o serviço militar com a preparação para uma vida agrícola em uma colônia coletiva, que é a meta de muitos grupos jovens israelenses. Os grupos selecionados desde o primeiro ciclo da escola (o nome GARIN, somente, dá idéia do propósito) após a instrução básica militar, recebem instrução agrícola ainda sob disciplina militar, seja numa colônia já existente ou em um núcleo de colonização fronteiriço da NAHAL, numa área muito exposta ou muito difícil para um povoamento normal. Esta é seguida por uma instrução militar avançada. Quando o período de instrução termina, o grupo NAHAL está plenamente instruído para incorporar-se a um estabelecimento agrícola coletivo já existente ou organizar uma nova colônia.

Isto é conseqüência da incorporação à doutrina do conceito de defesa de área. É baseado na experiência que demonstrou que colonos decididos com alguma instrução e armamento podem defender-se contra ataques árabes por longos períodos.

As FDI são ouvidas na seleção de locais para os povoamentos fronteiriços. Algumas vezes prevalecem as considerações militares com os conseqüentes ônus de subsídios oficiais para tornar a colonização economicamente exeqüível. Contudo, novos métodos de cultivo são criados para reduzir ou mesmo eliminar os subsídios especiais. Por exemplo, antes de 1967, a defesa do exposto corredor de JERUSALÉM foi reforçado com o estabelecimento de comunidades agrícolas nas colinas da JUDÉIA, baseadas no cultivo de terraços. Novos aperfeiçoamentos no cultivo tornaram estas comunidades auto-suficientes.

O custo da defesa da área é baixo. As FDI fornecem o armamento, munição e instrução. O armamento compreendia principalmente armas individuais e coletivas leves. As colônias são organizadas para a defesa com reservas de suprimentos essenciais, fortificações de campanha preparadas e abrigos de pessoal, aparelhos eletrônicos, cercas com campos minados e pistas aradas para detetar pegadas. Sua missão é a defesa em posição para retardar e deter um ataque terrestre.

As defesas de área constituem elementos de economia de forças, que promovem segurança em regiões secundárias e liberam unidades militares para a ação ofensiva. Constituem, também, uma excelente fonte de informações.

Capacidade de mobilização

A incapacidade de dissuadir ataques árabes mantendo apenas as unidades da ativa ficou demonstrada em 1973. ISRAEL terá de mobilizar para dar credibilidade à defesa, mas as considerações econômicas não permitem que isto seja feito a qualquer arreganho árabe. A mobilização parcial de maio de 1973, ante pronunciamentos, exercícios e mobilizações mais ou menos intensivas da SÍRIA e do EGITO, custou 40 milhões de libras israelenses e, quando o período passou, foi objeto de severas críticas, considerada como "Hiper-reação". Em consequência, quando os árabes continuaram suas demonstrações em julho, setembro e outubro de 1973 criaram o dilema cuja solução — não mobilizar — não foi bem sucedida. O dilema permanece.

A mobilização dos 408.000 homens das FDI é possível de se realizar totalmente em 72 horas graças, em parte, ao conceito de defesa de área, graças, por outro lado, a uma preparação minuciosa. A mobilização se realiza por áreas, por Brigadas, que possuem sua própria linha de fronteira, depósitos de unidades onde o equipamento é mantido em prontidão e zonas de ação onde já treinam e inclusive conhecem praticamente toda a topografia.

Exercícios de mobilização são realizados por avisos codificados ou por notificações individuais através da cadeia de comando. Em 1967, ouviram-se no rádio nomes como: Amor de SION, Raspada, Homens trabalhadores, Corrente alternada, Janela aberta, Bons amigos etc. Jovens correram aos lugares secretos; veículos de lavanderia, de sorvete, táxis, carros particulares etc. correram para os campos. Os carros de combate tripulados por um militar da ativa e completados com reservistas, que já estavam prontos com lâmina de barbear, escovas de dentes, capacete etc.

O sistema foi organizado por DAYAN, quando chefe do EM, entre 1953 e 1956, e permitiu que, em questão de horas, motoristas de ônibus estivessem rumando para o SINAI dirigindo carros de combate em unidades sob o comando de gerentes de banco e que o primeiro israelita a entrar em EL ARISH fosse um soldado em seu próprio carro particular vermelho. A fase dos tempos heróicos já passou com a sofisticação dos meios e processos, mas o retrospecto histórico dá uma idéia do espírito que anima a mobilização.

A desmobilização também é imediata. Tivemos oportunidade de assistir na Sociedade Hebraica, em 1968, conferência do Cel ARIEH CHACHAR, jovem chefe do EM de um dos comandos do SINAI onde, entre muitos, projetou um "slide" de uma unidade blindada, em formatura pouco aquém de SUEZ, abandonada por seu pessoal imediatamente após a vitória para retorno às atividades civis e aguardando o retorno aos depósitos.

Alto Comando

O pessoal de carreira forma um pequeno núcleo de oficiais e sargentos. Os oficiais são recrutados nas fileiras e servem sob contrato, renovável de três a cinco anos. A seleção é rigorosa e a promoção altamente seletiva, particularmente aos postos de coronel e superiores. Os oficiais são avaliados quanto a controle e liderança, lealdade e responsabilidade no cumprimento das missões, capacidade de antecipar-se e reagir a situações incomuns, trabalho de equipe, estabilidade sob pressão e em situações especiais e profissionalismo. Há, no entanto, forte indicação de que a reputação pode ser mais forte que o sistema formal de avaliação, que é considerado apenas um meio de julgar as qualificações e não desempenha grande papel na promoção ou outras ações de administração de pessoal.

Como a maioria dos oficiais da ativa tem apenas instrução secundária quando convocados, é feita previsão para capacitá-los a obter educação universitária em ISRAEL ou no exterior, e para freqüentarem escolas militares estrangeiras.

A capacidade de liderança dos oficiais é notável. O Gen S.L.A. MARSHALL, autoridade mundial no assunto, atribui, entre outros, os sucessos de ISRAEL à "ampliação dos limites da ousadia militar". A percentagem de baixas de oficiais é elevada: a maior do mundo. Em 1967, as perdas de oficiais foram de 25% quando as das FDI, em geral, foram de 10%. Em 1973 foram: 2.521 militares e 609 oficiais mortos.

Os números falam por si sós, mas, podemos acrescentar que, em 1972, quando da designação de nosso primeiro adido militar para ISRAEL tivemos oportunidade de ler as 33 únicas citações de combate das FDI com emoção de velho profissional. Os fatos relatados na concisa e simples linguagem castrense escapavam, às vezes, aos limites da credibilidade, tal o valor e a audácia demonstrados. Quase todos eram "post-mortem".

A juventude dos comandantes é considerada ímpar. DAYAN, falando da reunião de 2 de outubro de 1965 em seu diário diz: "em torno da mesa, assentavam-se os comandantes das FDI: comandantes regionais e chefes dos Corpos Blindados da Força Aérea e da Marinha. A maioria deles não passava dos trinta anos de idade". Em junho de 1967, RABIN, Chefe do EM, tinha 41 anos; HOD, Cmt da Faé, 40 anos; os Cmt das três áreas, 41 e 42 anos; os Cmt Corpos, 38, 42 e só um com 54 anos; os Cmt Brigada, 40 anos ou menos. Em meados de 1972, todos os generais em serviço ativo tinham menos de 50 anos. Na incursão a ENTEBE, o Chefe do EM, Gen MORDECHAI GUR tinha 46 anos, o Cmt dos Pára-quedistas e Cmt Geral da Operação, Gen DAN SHOMRON, tinha 39 anos e o Ten-Cel JONATHAN NETAN-YAHU, Cmt do assalto final, tinha 30 anos.

Moral

Finalmente, "last but not the least", o fator moral. No caso israelense deve ser considerado como um produto da coesão anímica que une uma nação que, após

séculos de vida errante e desagregada, encontra sua terra prometida e se vê acoçada por todos os lados por inimigos que declaradamente querem eliminá-la do mapa. Se a isso acrescentarmos o cunho religioso da instalação do Estado e da existência nacional como centro de comunidade judaica mundial teremos alguns dados para explicar o elevado moral das FDI.

Alguns fatos podem realçar a idéia:

- Em 1967, quando JERUSALÉM foi bombardeada, a sinagoga do Centro Médico de HADASSAH, com vitrais de CHAGALL, teve um danificado. O artista escreveu da França: "Não me preocupam as janelas, só a segurança de ISRAEL; deixem que ISRAEL se salve e lhes farei as mais maravilhosas janelas".
- Às 10 horas da manhã do 3º dia foi conquistado o Muro das Lamentações, único vestígio do 2º Templo destruído, que há 1.897 anos era o símbolo da esperança e do desespero. O duro Cmte dos comandos que capturaram o Muro declarou: "Nenhum de vós, na vida, viu ou fez algo tão grande como no dia de hoje". Todos caíram de joelhos e choraram.
- Quando da conquista de JERICÓ, foram trazidas do Templo as históricas trombetas para que fossem tocadas na hora.
- Em 1969 tivemos oportunidade de conversar com um jovem executivo paulista de uma fábrica de material eletrônico. Fora chamado a ISRAEL dias antes do conflito de 1967 e, pára-quadista, lutara no passo de MITLA.
- Quando o Ten-Cel JONATHAN morreu na incursão a ENTEBE, seu nome marcou o espírito da nação. Para comemorar a incursão e promover fundos resolveu-se cunhar uma medalha que levou o nome do herói. Nomeou-se uma comissão de militares e artistas que encontraram solução belíssima dentro da diretriz recebida: com uma frase do Velho Testamento adequada. Ela foi encontrada: eles vieram dos céus.

CONCLUSÕES

Do modelo apresentado podemos concluir:

A disparidade de recursos humanos e econômicos, aliada ao reduzido espaço para a defesa, numa nação sob ameaça quase permanente impuseram:

- um serviço de informação de alto nível;
- um engajamento elevadíssimo da população na Segurança Nacional;
- um sistema militar baseado, na parte terrestre, em ampla utilização de unidades da reserva prontas para o combate, que permite dizer que a maioria das forças está de folga 11 meses por ano, mas exige-se um sub-sistema de mobilização altamente eficiente;

- a defesa de área, com aproveitamento de atividades civis;
- uma doutrina ofensiva que dá importância excepcional à Força Aérea e aos blindados;
- dentro desta doutrina, os conceitos de guerra de curta duração e ataque pré-ataque;
- uma busca de independência tecnológica e de auto-suficiência em material e armamento; e
- uma caminhada sigilosa para uma capacidade nuclear, a ser utilizada "in-extremis", mas com uma determinação que poderá conduzir ao suicídio do Estado.

As TSAHAL (sigla correspondente às FDI) respondem, em seus fatores de força e de fraqueza, às necessidades e condicionantes da situação de ISRAEL.